

O ILUMINADO

Ou, a traição da criatividade.

Carlos Amadeu Botelho Byington¹

No filme O Iluminado, de Stanley Kubrick, um escritor se isola do mundo para criar. E termina se perdendo, na obra e na vida. Sua arte não floresce e o sangue corre. Por que tantas vezes a criatividade, como um bicho ferido, explode em forma de loucura e destruição?

Depois de desligar os computadores da nave espacial em "2001" e entrar em outras dimensões, nunca por ele antes exploradas, Kubrick nos apresenta, em "O Iluminado", vivências do além do consciente humano, onde se interpenetram a criatividade, a loucura e a morte.

Essas vivências se apresentam através de duas vertentes principais. De um lado, pela capacidade de percepção intuitiva do menino e do cozinheiro-chefe negro; do outro, pela psicose do escritor. Interligando-as, temos o tema da criatividade profissional e o da inter-relação pessoal - principalmente do casamento e das pessoas que têm em comum esse tipo de percepção.

O escritor invoca sua criatividade, se abre para ela de forma extraordinária, ao aceitar um emprego onde permanecerá isolado com sua família no meio da neve, durante 5 meses. Como zelador do Hotel *Overlook* (que quer dizer panorama, e também "olhar e não ver"), deverá apenas cuidar da caldeira, e com isso terá muito lazer para criar. Sua máquina de escrever em cima de uma mesa enorme, no salão do Hotel, expressa sua ocupação central.

O isolamento ao qual se submeterá em busca da criatividade é apresentado como ameaçador desde o início. Ao se candidatar ao emprego é informado que um dos seus antecessores ao cargo enlouquecera, matara a machado a mulher e as duas filhas e depois se suicidara. O drama do filme está centralizado no fato de que o escritor enlouquecerá e tentará matar a mulher e o filho a machadadas.

Em frente ao Hotel há um labirinto formado por corredores de arbustos "ficus", para passeio dos hóspedes. O labirinto é um símbolo que a mitologia grega tornou famoso: Teseus entra no labirinto para libertar a Grécia do Minotauro de Creta e consegue sair guiado pelo fio que Ariadne lhe emprestara para marcar o caminho. O labirinto é um símbolo do caminho heróico guiado pela inspiração rumo ao centro das grandes vivências existenciais psíquicas -

¹ Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador, historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana. E-mail: c.byington@uol.com.br, site: www.carlosbyington.com.br

artísticas, políticas ou religiosas. Muitos entram; poucos saem. A maioria se perde nos meandros espiralados do processo evolutivo, por não estabelecer uma relação produtiva com sua criatividade ou fonte de inspiração, representada por Ariadne de Teseus, Beatriz de Dante e todas as musas que expressam o arquétipo da Anima, conjunto de símbolos que guiam a alma de um homem. Chegar ao centro e emergir construtivamente é a glória do processo existencial. As formas de nos perdermos na busca do centro da vida são inúmeras. A loucura é uma delas.

O escritor começa a escrever e se torna irascível; rejeita a mulher, proíbe-lhe que o interrompa. Diz que a página recém escrita está insatisfatória e a joga fora. Apresenta aí seu primeiro distúrbio de criatividade: a onipotência de querer arvorar-se em juiz de sua própria criação. A "hybris" do herói grego levava-o a considerar-se igual aos deuses, crime imperdoável, punido freqüentemente com a morte. A "hybris" de quem cria é a inflação que domina seu Ego e pode forçá-lo a agir como criador, dono e juiz de sua obra.

Uma coisa é sentir a obra incompleta e continuar criando para expressar todo seu potencial. Outra é se arvorar em juiz, julgar, condenar e destruir. Como quem cria não é somente a consciência ou Ego, mas principalmente sua inspiração (que lhe vem inconscientemente), quando alguém já sabe o produto final de seu trabalho não está criando, está se repetindo.

Uma das maiores obras criadas pelo Self é a consciência humana, cujo centro é o próprio Ego. Quando este Ego invoca os poderes do inconsciente para criar e ao mesmo tempo quer usurpar-lhes o centro coordenador do Self, ocorre uma inflação na personalidade, que põe em perigo o próprio equilíbrio psíquico e a dinâmica da saúde mental. Ficar inflacionado durante o processo criativo é inevitável dentro de certos limites. À medida que a criação surge e adquire vida própria, o Ego se deflaciona outra vez. Quando, porém, a criatividade é bloqueada ou flui demais e são ultrapassados esses limites (variáveis em cada caso), o Ego corre o risco de se desestruturar.

**Não desenvolvidas e canalizadas,
as forças criativas se levantam como um animal selvagem.**

Qualquer forma de abstinência propicia manifestações das forças arcaicas da vida. E como se o Ego, ao se desprender e se abster das forças e canais habituais de expressão da energia vital, se abraça para novas forças e formas de expressão que emergem, sequiosas de participar do todo. As técnicas místicas de ascese sempre empregaram o jejum, o isolamento e a insônia para propiciar vivências do todo. Artistas, místicos e pesquisadores sabem, em geral intuitivamente, que o potencial criativo da personalidade não vem do consciente. Por isso

afastam o Ego de seus condicionamentos habituais, para situá-lo a serviço da criatividade.

Através do isolamento, o escritor favorece a constelação do seu inconsciente profundo. Mas, em vez de criar, começa a enlouquecer. Sua mulher constata a crise psicótica ao perceber que as centenas de páginas datilografadas há semanas contêm uma única frase: "se só trabalhar, sem diversão, você se tornará um bobão". Ao constatar o fato percebemos que o artista sofria há semanas de um bloqueio da criatividade. Intensamente propiciado pela dedicação e pelo isolamento, o inconsciente emergiu, e ao encontrar uma defesa rejeitadora do Ego, não se canalizou para a criatividade. A tensão crescente terminou por extravasar forças arcaicas sem estruturas conscientes que as canalizassem adequadamente para a realidade. Desencadeia-se assim uma crise psicótica, na qual a personalidade passa a atuar o inconsciente mobilizado. Isso ilustra como a criatividade é uma atitude psiquicamente perigosa, como atestam tantos que têm desestruturado suas vidas na busca de uma existência criativa.

É claro que a psicose nem sempre irrompe durante a busca de situações criativas. Frequentemente, ocorre em personalidades fragilizadas por uma estruturação doentia nas relações primárias; sem se excluir a participação genética de fatores ainda mal conhecidos. Esses condicionamentos da crise psicótica, no mais das vezes, estão associados. Não é raro a crise irromper em situações existenciais que ocorrem independentes da interferência voluntária do Ego. A perda de relações próximas; as mudanças das condições de vida, até pela idade; doenças físicas enfraquecedoras e muitos outros fatores que criam situações de stress podem desestruturar de uma ou de outra forma as adaptações do Ego. E isso favorece a erupção de forças arcaicas através da conduta simbólica inadequada e, portanto psicóticas. Existem, pois, crimes psicóticos decorrentes de situações criativas que vamos buscar, ou de situações inovadoras que a vida nos traz. Existem também crises que eclodem sem causa aparente, em geral desencadeantes da doença processual psicótica chamada esquizofrenia.

O bloqueio da criatividade invocada e desencadeada é, por conseguinte, uma situação perigosa para a personalidade. No caso do escritor, o bloqueio aparece na frase repetitiva, defesa obsessiva que impede o fluir do processo criativo. No caso, o bloqueio é um nó apertado por duas atitudes contrárias do Ego. De um lado, o escritor escolheu trabalhar arduamente. Para isso, foi se isolar com a mulher e o filho no alto de uma montanha, durante 5 meses. De outro lado, na hora de se entregar à criatividade, começa a pensar que quem também não se diverte é um bobo. Este pensamento não é inteiramente destituído de sentido, mas aqui está sendo usado inadequadamente, como defesa. Ele seria adequado se, ao final do quinto mês, na primavera, com o livro pronto, o escritor começasse a pensar no próximo lugar onde se enfiar sem ao menos um intervalo de algumas semanas de férias descontraídas. No início do trabalho, no entanto, a frase vem como tentação, como defesa, e ao ser encampada pelo Ego se toma um nó que cada vez mais se aperta e bloqueia o avanço.

A jornada criativa heróica em direção ao centro percorre uma espiral em forma de labirinto: muitas de suas voltas têm becos cuja saída entra novamente no próprio beco, interrompendo o progresso do viajante. Tais bloqueios criativos s[ão] gerados pela própria personalidade, que ao mesmo tempo se busca e se esconde nas suas tendências diversas. Buscamos e nos escondemos e nos defendemos porque a vida nos traz novidades muito agradáveis, mas, freqüentemente, também dolorosas. De fato, é difícil concebermos um aumento de consciência trazido inevitavelmente pela criatividade - sem um aumento correspondente de sofrimento. O próprio aumento do conhecimento, se não for artificialmente dissociado do todo, trará sempre um aumento proporcional de coisas boas e más, suaves e dolorosas. E, sobretudo um aumento da angústia inerente à vida, porque todo conhecimento faz crescer a responsabilidade existencial.

O beco no labirinto da criatividade, onde se perdeu o escritor, e que desencadeou sua crise psicótica, é uma armadilha comum para os que se buscam na sociedade moderna, em meio à tecnologia e ao consumo. Nossas raízes históricas mostram um padrão patriarcal rígido, que com freqüência transformou todo o viver numa tarefa sem lugar para o lazer, a criatividade, a alegria. O dever tomou conta de tudo. Com o declínio dessa época patriarcal de austeridade, nossa cultura se encontra em fase de transição. De uma parte, existe a tendência, a possibilidade de entrarmos numa fase cultural em que viveremos o trabalho junto com o prazer da criatividade. Algo que muitos associam à idade de Aquarius, cujos prenúncios seriam todos os movimentos sociais criativos do mundo moderno, inclusive os dos jovens, que tão inspiradamente aplicaram o verbo "curtir" a essa nova forma de viver. De outra parte, existe o perigo de afundarmos no hedonismo, na busca arcaica da satisfação e do prazer, sem nada mais criarmos.

A vida, assim, se torna improdutiva e degenera nos vícios (existem 12 milhões de alcoólatras nos Estados Unidos e 6 milhões no Brasil), na corrupção, na loucura. Não quero fazer da tecnologia e do consumo bodes expiatórios da perdição. Em si, eles não são bons nem maus; apenas fazem parte do crescimento do poder do ser humano. Se a degeneração de parte de nossa sociedade no consumo do supérfluo é inseparável do progresso tecnológico, também se baseia no desenvolvimento tecnológico a tendência a construir uma sociedade criativa, centralizada na integridade humana.

Bloqueado em sua criatividade pela tentação de gozar a vida, o escritor se exaure sem dar forma à sua arte, e é levado de roldão pelas próprias forças que invocou, para o surto psicótico. Seu processo de individuação se desestrutura e sua alma passa a fazer parte, no fim da tragédia em que culmina sua vida, da grande galeria festiva de tantos em nossa cultura, que não puderam se encontrar e se perderam numa existência onde simplesmente apenas comeram e beberam.

O Ego que não criou pelo caminho do Bem passará, por assim dizer, a criar pelo caminho do Mal.

À medida que o escritor vai enlouquecendo e se toma convidado da grande comemoração infernal (na qual é diabolicamente introduzido pelos drinks do barman Loyd), vai se encontrando com o zelador que, anos antes, também psicotizara no Hotel. O zelador antigo - que aparece como garçon na festa - ao se chocar acidentalmente com o escritor lhe derrama na roupa molho de abacate. Essa fruta tem forma de útero e, quando partida, mostra a semente ocupando a mesma posição do feto, em tudo comparável, pois, a um útero grávido: bloqueado o Ego, a criatividade exacerbada se derrama na vida sob a forma de tragédia.

Cabe agora perguntar por que a criatividade bloqueada se dirigiu contra as pessoas mais amadas. Qual a relação simbólica entre a caminhada em direção ao centro de uma vivência criativa e nossas relações mais íntimas?

Já mencionei que o ato de criação está ligado a uma interrupção, pelo menos circunstancial, dos envolvimento do Ego e dos hábitos da personalidade. Na medida em que a interrupção não se faz voluntariamente como um sacrifício, como uma oferenda às forças criativas, elas podem se voltar contra essas ligações do Ego de forma agressiva e até trágica. É comum ver alguém que frustra sua capacidade criativa com uma ocupação adaptada, não criativa, abandonar de um momento para outro suas obrigações, de forma não raro destrutiva.

Em nossa cultura, ainda muito patriarcal, que referencia a tradição e as formas habituais de adaptação do Ego ditando as normas do comportamento, tais acontecimentos costumam ser considerados apenas anormais e destrutivos. Todavia, do ponto de vista da nova tendência se implantando em nossa cultura (pós-patriarcal, pelo fato de valorizar a criatividade e não a tradição como centro e finalidade da vida individual e cultural) também se pode ver nessas manifestações destrutivas a expressão da criatividade não canalizada. É comum vermos este princípio aplicado ao Candomblé, por exemplo, quando se diz que certos distúrbios de personalidade vêm de "não estarmos atendendo aos Orixás". Ou na Umbanda, quando se diz que certas disfunções na vida de alguém indicam que "deve dar de comer ao santo". Ou então no Espiritismo em que determinados sintomas psíquicos indicam que "a pessoa deve desenvolver sua mediunidade". Três exemplos que expressam a tendência pós-patriarcal em nossa cultura: a disfunção da personalidade e até a loucura consideradas não um mal em si, mas até uma possível expressão de forças criativas.

A expressão da loucura como agressão às relações mais próximas pode ser vista, nessas circunstâncias, como o conflito entre as forças criativas, vivenciadas de forma frustrada, crua, arcaica, indiferenciada, e as situações de adaptação. Aquele Ego que não criou pelo

caminho do Bem passará a criar, por assim dizer, pelo caminho do Mal.

As forças criativas não desenvolvidas e canalizadas adequadamente se levantam qual um animal selvagem ferido ou o oceano revolto, passando a destruir tudo quanto as contém e as limita. As relações de adaptação, neste caso, se tornam alvo do ataque selvagem e brutal que conduz à tragédia. Dificilmente pode o Ego sobreviver depois de ter sido possuído por tanta destrutividade, de ter participado dela, mesmo que tenha sido arrastado por um furacão emocional irresistível. É por isso que o ataque brutal aos entes mais próximos freqüentemente conduz ao suicídio, como aconteceu com o primeiro zelador. Nessa situação se trataria de suicídio pela culpa de ter matado a mulher e as duas filhas. Contudo, também se pode pensar que as forças criativas frustradas são capazes de se rebelar e tudo querer destruir, inclusive a própria personalidade, o próprio corpo, o universo inteiro se pudessem. Nesse caso, o suicídio não é secundário, por culpa, mas primário, devido ao mesmo desespero de ser incapaz de criar, que domina toda a tragédia.

O assunto nos faz pensar no por que das forças criativas ataquem as relações humanas mais íntimas como formas de adaptação. Será que as relações humanas não podem ser também criativas?

Vida conjugal e Criatividade

De tão controlada e legalizada, a relação homem-mulher perde freqüentemente a graça e a criatividade. No filme O Iluminado, de Stanley Kubrick, a mulher do escritor não é pessoa, é esposa e mãe. Companheira e vítima. Quem vai em frente é o marido: sua criatividade, no entanto, revela-se destrutiva. Podia ser diferente?

É comum vivenciarmos no casamento uma agressividade velada e fantasiosa, ou mesmo aberta e expressa ao cônjuge, aos filhos, à casa, à própria instituição.

A freqüente vivência do casamento como prisão pode se tornar fóbica, levando à separação ou a ataques à família. O indivíduo se comporta como um condenado que perdeu a liberdade. Muitas vezes, quando sente que não tem forças para se separar, mas que também não pode permanecer como está, passa a fantasiar intensamente ter amantes (o que não raro se concretiza) – ter amantes é símbolo de criatividade e liberdade. Há pessoas que vivem compulsivamente a situação a ponto de não perceberem que não se relacionam com pessoas, posto que as reduzem a símbolos de liberdade, de aventura - da criatividade que não concebem viver no casamento.

Será possível que a criatividade não se constele na união homem-mulher, protótipo da criatividade de nossa espécie?

Tanto no nível biológico quanto psicológico, o encontro da dualidade existencial homem-mulher é o fenômeno criativo mais pujante da espécie humana. No nível biológico, gera-se outro ser. No nível psicológico, pode-se gerar através da conjunção emocional e espiritual do homem e da mulher uma vivência criativa do outro. Uma vivência que prepare a personalidade para sua abertura espiritual na fase cósmica da vida. Esta relação emocional com o universo tem sido descrita como um casamento sagrado em muitas religiões. Através dele, "a alma se une a Deus", como tão intensamente expressam os místicos; por exemplo, São João da Cruz.

A união dos opostos se faz presente nos momentos mais criativos da vida. Paradoxalmente, é difícil de ser encontrada justamente onde tudo indica que deveria estar em maior intensidade, abundância e frequência: na relação homem-mulher institucionalizada.

Por ser potencialmente tão criativa, a relação homem-mulher foi a mais organizada do ponto de vista social. A medida que as sociedades foram se organizando, a família se transformou na célula do organismo social. A divisão do trabalho se fez a partir dos sexos, e o controle dos descendentes se tornou a melhor maneira de se organizar de baixo para cima toda a estrutura social.

A organização social do casamento visou impedir o incesto, organizar a propriedade e o trabalho, orientar as gerações futuras - tudo baseado na codificação das relações homem-mulher. Nascer homem ou nascer mulher é sair do útero para um redemoinho de miríades de condicionamentos sociais enraizados na história da cultura e que nos acompanharão vida afora. Não é só a identidade homem ou mulher que é intensamente condicionada, mas também como o homem deve proceder com a mulher, e a mulher com o homem. O relacionamento homem-mulher foi tão codificado quanto a identidade de cada um.

Na nossa cultura, foi tão intensa a organização patriarcal do casamento, que ele se tornou uma instituição para se criarem os filhos: a função do homem era ser bom pai; a da mulher ser boa mãe. O ideal da instituição patriarcal do casamento é criar filhos para continuar a tradição das instituições. O casamento tradicional era tão importante para o futuro da sociedade patriarcal que chegou a ser programado desde o nascimento dos cônjuges nas famílias de maior poder social.

O casal foi moldado para criar filhos. Muitas sociedades usaram a clitoridectomia para reduzir o orgasmo das mulheres e melhor submetê-las ao papel de mãe. Em nossa cultura isso não se fez fisicamente. O que não impediu que se fizesse funcionalmente, ignorando-se o clitóris e toda a sexualidade da mulher; chamando-se a atenção apenas para sua frigidez. Reprimida toda a criatividade sexual do casal, criou-se até uma estereotipia que o brasileiro expressivamente chamou "papai e mamãe". Para confirmar a redução maciça do casamento à função parental, os cônjuges passaram a ser chamados pais. Muitas vezes se chamam "pai" e "mãe" entre si.

Diante de uma redução tão intensa, pretender uma relação criativa no casamento é pedir ao homem e à mulher que tirem leite da pedra - nenhum espaço sobrou na instituição para uma relação pessoal criativa. A maioria das pessoas nem sabe a que se refere o assunto.

Mas o declínio do padrão patriarcal e correspondente declínio das tradições tem afetado a instituição casamento, se bem que mais na reação contra a tradição do que propriamente na vivência da relação conjugal criativa. Hoje, o sexo no casamento começa a adquirir criatividade, é possível casar por amor, a mulher se profissionaliza cada vez mais e busca o orgasmo e o homem se abre para um papel mais doméstico e afetivo. Mas, tudo está no começo. A relação conjugal criativa que se seguirá a todas estas modificações básicas mal despontou - ainda nem é uma das finalidades ideológicas do casamento.

À volta das modificações no casamento, toda nossa cultura patriarcal declina em meio à degeneração-renovação de toda grande fase de transição.

Declinam as estereotípias dos papéis do homem e da mulher em meio ao declínio da ideologia patriarcal e sua visão de mundo. Em meio aos escombros de um mundo cultural que se acaba, desponta uma relação criativa entre polaridades antes rigidamente estereotipadas e que, libertas, propiciam à criatividade um enorme ímpeto. Como a relação homem-mulher é uma das mais básicas, sofre profundamente o impacto dessa criatividade. Pobre relação conjugal! Por ter sido profundamente patriarcalizada, agora também recebe ataques de vários lados. As relações conjugais se tomam alvo fácil da criatividade profissional e existencial emergente e ainda indiferenciada e frustrada. Em geral, quando as pessoas entram em crise existencial por levarem uma vida estagnada, a tendência é se desquitarem e depois examinar suas vidas.

O homem patriarcal é só o provedor.

Chega e em casa e se esconde atrás do jornal.

Em "O Iluminado", o ataque do escritor à família tem então dois componentes importantes. O primeiro, relacionado com seu bloqueio criativo e conseqüente frustração agressiva, derramada sobre o que há de mais íntimo à sua volta. O segundo, dirigido à falta de criatividade em sua relação conjugal, relacionada com a falta de desenvolvimento profissional de sua mulher, desde o início vivenciada como intrusiva e perturbadora da criatividade. De fato, do início ao fim do filme, a mulher se restringe ao papel de mãe do filho do casal. Todas suas ações decorrem das ações do escritor ou do filho. Em nenhum momento ela manifesta sua individualidade ou sua criatividade como pessoa. Fato tão comum em nossa cultura que a maioria dos espectadores terá achado sua conduta inteiramente normal.

Para alguém como o escritor, que está naufragando em meio a sua jornada heróica

rumo à criatividade, tal esposa não só não é companheira de viagem como, na sua passividade, chega a ser muito rejeitadora, por nada entender dos perigos da viagem. Ao se restringir ao papel de mãe, ela não atende ao desenvolvimento do seu processo existencial também como pessoa. Se pouco foi como companheira, no drama da loucura do marido pouco mais pode ser do que uma vítima.

Nesta transição do casal de uma relação parental para uma relação conjugal criativa, é importante nos darmos conta da transformação, tanto do homem quanto da mulher.

O homem patriarcal em geral desempenha o papel de comandante provedor. Com isso se omite de uma relação emocional profunda com a família, não raro se escondendo atrás do famoso jornal quando chega em casa. A mulher patriarcal também se omite do relacionamento quando traz para a relação basicamente só o problema da casa e dos filhos. Assim, ambos se omitem de uma relação emocional criativa, acomodados a uma existência de papéis estereotipados, negando-se a desenvolver a individualidade. Para um homem, desenvolver o potencial criativo junto da mulher que não faz o mesmo (e vice-versa), é psicologicamente ameaçador.

E a relação da mulher com sua criatividade que permite ao homem fazer o mesmo; um intensifica a criatividade do outro, ao mesmo tempo em que a limita com sua presença humana, única e concreta. Alguém já imaginou como seria arriscado escalar uma montanha perigosa com uma companheira que caminhasse no ar?

É comum o homem parametrar seu relacionamento com a mulher, tanto de forma negativa como positiva, em função da relação com a mãe, ou de outra relação passada. Ele deseja que a mulher faça ou não faça assim porque sua mãe fazia ou não fazia. Pode se tratar de fixação materna, mas a causa também pode ser o fato de sua mulher não estar se individuando e o ameaçar com sua inconsciência. Por isso, ele se vê obrigado a forçá-la a um papel já conhecido. A criatividade existencial propiciada pelo encontro profundo homem - mulher desencadeia padrões emocionais fortíssimos que ameaçam a consciência humana de possessão, regressão, dissolução.

O apelo aos padrões de comportamento dos pais não é causado só pela regressão a uma fixação na infância, mas também pelo medo do abismo que se abre diante da consciência, ao se deparar com a insondabilidade absoluta do outro, vivenciada no cônjuge, em si mesmo, em tudo mais.

Para o homem e a mulher viverem a criatividade profissional, existencial, conjugal, é necessário que sacrifiquem posições de poder e posições dogmáticas que bloqueiam a abertura para os grandes mistérios criativos da vida. É necessário declarar mortas a segurança, a certeza, a comodidade, e toda a estrutura de poder, que nos fecham para a transformação permanente. É necessário entregar à Morte o que deve ser ultrapassado pela

própria Vida; caso contrário, ficamos devendo coisas à Morte e lhe damos poderes sobre nós. Vida e Morte são as polaridades básicas da alma humana, sempre em relação dialética com todo o desenvolvimento psíquico profundo. Quem se entrega à criatividade, aprende o que deve entregar à Morte para liberar mais Vida; aprende a grande e misteriosa diferença entre mutilação e sacrifício. Aquilo que é entregue à Morte para o desenvolvimento não é mutilação repressiva da Vida; é o sacrifício de uma parte em função do crescimento do todo.

O ímpeto criativo do escritor, a crescente frustração que acompanha seu bloqueio, sua incapacidade de entregar suas defesas à Morte, tornam a Morte e a Vida cada vez mais carregadas e misturadas no Hotel, a ponto de evocarem aqueles que ali morreram com a mesma problemática. O passado do Hotel começa a invadir o presente e a criatividade bloqueada passa a se manifestar de forma aterradora, seduzindo o Ego para a vivência psicótica irremediável. Esta avalanche de emoções desestrutura cada vez mais o Ego do pai e é percebida intuitivamente pelo filho. A principal imagem que expressa essa desestruturação é a de uma torrente de sangue vinda do hall dos elevadores e invadindo os corredores, símbolo da inundação criativa - mas sob forma psicótica - na personalidade do pai.

O desenvolvimento humano se depara com o fenômeno do Diabo quando perde a iniciativa de entregar à Morte, em sacrifício, aquilo a ser ultrapassado para se conseguir mais Vida. O passo seguinte do desenvolvimento se mistura com a destrutividade e se carrega de tentação diabólica. Tanto mais diabólica quanto mais Vida existe sob o poder da Morte. Nesse sentido, o Diabo é o anjo sombrio da Morte, tanto mais poderoso quanto mais Vida ou libido o Ego deixa em seu poder.

A Sombra do escritor é sua defesa contra a criatividade. Ela o leva à bebida do barman Lloyd, figura mefistofélica da tentação, cujo bar aparece com o fascínio de um oásis no deserto. A Sombra, unida à criatividade frustrada de sua inspiração, o arrasta para a psicose franca. A mulher morta do quarto 237, agora símbolo de sua criatividade tornada destrutiva pela frustração, ataca seu filho, também símbolo de sua renovação pela ligação saudável com o inconsciente. Ao enfrentá-la emergindo da água da banheira como a sereia diante dos navegantes de alto mar, o escritor não tem mais discernimento entre o Bem e o Mal, o incesto e o amor, a Vida e a Morte, pois não se preparou para esse encontro praticando, como nos rituais sagrados, a entrega sacrificial de suas defesas ao Daimon das Musas inspiradoras da criatividade. Ao abraçá-la e beijá-la, o escritor não mais se entrega: naufraga. Dá-se conta de que a linda mulher é também uma velha morta e necrosada, ou seja, de que sua inspiração está regredida e degenerada de uma forma terrivelmente desintegradora para o Ego. Em sua última reação sadia, recua horrorizado. Mas ao se aproximar da mulher, mente sobre o que acontecera. Perde, por falta de confiança em quem mais poderia tê-la, sua última chance de socorrer-se. E afunda irremediavelmente na loucura.

Ao morrer dentro do labirinto, congelado na neve, o escritor representa aquele que se perdeu no caminho da criatividade, não só profissional, mas também existencial e conjugal. Não morre somente perdido e louco, mas também absolutamente só. O fracasso da relação homem-mulher é aqui inerente ao fracasso da criatividade profissional e humana.

A mulher se salva com o filho, mas deixa atrás de si sua criatividade profissional, existencial e conjugal, dissociada na solidão da loucura e da morte do marido.

Ao lado da busca do Self nos meandros tortuosos da criatividade profissional, Kubrick apresenta o tema da relação com o desconhecido, através da percepção inconsciente do menino e do cozinheiro. O negro lida abertamente com essa percepção. O menino o faz subconsciente mente, num estado meio sonolento (oniróide), que às vezes atinge a vivência de dupla personalidade, com dissociação da consciência (por exemplo, quando expressa a aproximação homicida do pai). O cozinheiro nos conta que a avó reconhecera nele esse tipo de percepção, e lhe ensinara a conviver com ela. Já a mãe do menino sabe da dupla personalidade do filho, mas não faz idéia de seu poder e nada tem a lhe dizer sobre sua natureza. Vemos aqui, exemplificado, um importante fator cultural. Nossa cultura, tão adiantada na tecnologia, conta com pouca tradição e quase nenhum conhecimento para lidar com seus videntes, rotulados em geral de psicóticos - o que muitas vezes contribui para psicotá-los. Muitas culturas negras e índias, ao contrário, têm grande conhecimento e prática em lidar com esta capacidade, que é normal e existe em todos nós, apenas exacerbada em alguns, como qualquer característica humana. Para lidar com a percepção inconsciente, eles contam com uma sabedoria e percepção do desconhecido das quais mal temos idéia.

Kubrick acompanha a percepção intuitiva do negro com o som dos batimentos do coração humano. E como um atabaque ritualístico africano, ligado simbolicamente à percepção telepática da vida afetiva e emocional, em contraste com a percepção de nossa cultura, historicamente transviada no racionalismo materialista, dissociada do homem global e do amor. O símbolo sonoro caracteriza a viagem do negro através da tempestade de neve e sua morte, como um processo sacrificial na salvação do menino branco. E expressa um vínculo trans-racial e trans-cultural de nossa espécie, unindo as pessoas através da ligação criativa com seu centro inconsciente ou Self. São dois pais que se confrontam com duas visões de mundo, lutando pela vida de um menino que, simbolicamente, emerge do labirinto da criatividade, da loucura e da neve, numa mensagem trágica, mas redentora para nossa cultura.

O que engrandece e aprofunda este filme, além da beleza estética, da apresentação e direção de maior nível, é uma inter-relação dramática: a busca da criatividade do pai, bloqueado e incapaz de amar, e a convivência com o desconhecido pelo filho. Se percebermos a relação no plano mitológico, intuiremos, por meio deste simbolismo, a história de nossa evolução cultural. Com o fim do padrão patriarcal de relacionamento repressivo, surge a

possibilidade de um novo tipo de relação criativa com o desconhecido, intermediado e auxiliado pelos mártires das culturas negras e índias, que tanto oprimimos e desprezamos, e nas quais vamos descobrindo cada vez mais valores culturais da maior importância para a sobrevivência da nossa espécie.

Terminei este ensaio em 12/1/81 dia da inauguração da nova sede da SECNEB (Sociedade de Estudo da Cultura Negra no Brasil) em Salvador, coincidência para mim muito grata e significativa. (N. do A.).